

DESIGUALDADE DE GÊNERO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL SEGUNDO ARTIGOS PUBLICADOS NO PORTAL DA CAPES ENTRE OS ANOS DE 2016 A 2021

Michelle Caroline Queiroz Gonçalves¹

Isaias Batista de Oliveira Junior²

RESUMO: A desigualdade de gênero é um tema atual, e está presente no cotidiano de cada um, inclusive no ambiente escolar. Diante disso, a pesquisa tem como objetivo refletir sobre a desigualdade de gênero presente na prática pedagógica da educação infantil, segundo os artigos publicados no portal da CAPES, entre os anos de 2016 a 2021. O material foi analisado qualitativamente, apresentado descritivamente por meio de uma análise sistemática da literatura. Por meio das análises, é possível compreender que o professor e a instituição têm papel fundamental para a desconstrução de estereótipos em torno do gênero, destaca-se também a importância de rever a formação do profissional e de repensar a maneira de abordar questões de gênero na educação infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Prática Pedagógica. Educação Infantil.

ABSTRACT: Gender inequality is a current issue, and is present in everyone's daily life, including in the school environment. In view of this, the research aims to reflect on the gender inequality present in the pedagogical practice of early childhood education, according to the articles published on the CAPES portal, between the years 2016 to 2021. The material was analyzed qualitatively, presented descriptively through a systematic review of the literature. Through the analyses, it is possible to understand that the teacher and the institution have a fundamental role in the deconstruction of stereotypes around gender, it is also important to review the professional training and to rethink the way of approaching gender issues in the classroom. child education.

Keywords: Gender. Pedagogical Practice. Child Education.

1. INTRODUÇÃO

¹Acadêmica de Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, email: michellecgg@gmail.com

²Professor Doutor do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá, email: ibojunior@uem.br

O presente estudo busca explorar a desigualdade de gênero nas práticas pedagógicas da Educação Infantil, a qual vem ganhando espaço e crescendo em distintas áreas de pesquisa, mas, que no meio social ainda é tratada como tabu. Essa pesquisa busca colaborar para que este assunto seja abordado com aprofundamento científico, fugindo da ideia cotidiana que o senso comum traz para o dia a dia da sociedade e a rotina das práticas pedagógicas.

No âmbito escolar, as questões que envolvem gênero e sexualidade não são correlacionadas com as práticas pedagógicas, o que implica na consolidação de ideias já praticadas pela sociedade como: separar brincadeiras, cores, brinquedos e outras questões. Dividindo o que é adequado para meninos e para meninas, inclusive expressões de sentimento e comportamento, como dizer “meninos não choram” ou “sentar-se como mocinha”, o que deixa bem implícito as construções sociais em torno da criança.

Louro (1997, p.89) diz que: “O que fica evidente, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino”. Durante o período de observações realizadas nos estágios, observamos que crianças de 2 a 5 anos, já trazem consigo a definição do que cabe ou não ao gênero específico. Louro (1997) afirma:

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível (LOURO, 1997, p.20).

A criança, por menor que seja, tem presente na sua formação valores criados pela sociedade, fixados como conceito do que é correto ou não. Diante do contato diário com as crianças há influência dos valores e ideais criados no meio em que a mesma vive, seja através de brinquedos e brincadeiras, seja pela forma de se vestir, estando presente na formação como indivíduo já nos primeiros anos de vida.

Como reitera Bezerra (2017):

As identidades de gêneros podem suceder de influências sociais, os brinquedos na infância, os jogos na adolescência, nosso vestuário, os gestos e o palavreado que nos são ensinados e as relações estabelecidas com os grupos de pares e com as pessoas adultas vão nos informando sobre como é ser homem e mulher na sociedade e nos levam a distinguir quais atitudes são as mais apropriadas a cada gênero (BEZERRA, 2017, p. 32).

Ao começar frequentar a escola, as crianças levam um choque de cultura, já que possui uma grande diversidade cultural. Diante disso, torna-se necessário que os profissionais da educação estejam capacitados para lidar com as diferenças de cada uma, promovendo um elo de respeito, igualdade e inclusão. Sendo uma das preocupações que deve estar presente na escola são as questões de gênero.

Diante das situações presenciadas nos estágios, despertou o interesse em debater quais os efeitos no desenvolvimento escolar face essa divisão bipartida. Será que essa inibição que acontece em diversos ambientes causa alguma reação na criança? Será que ela se sente reprimida? Será que não é uma questão que aumenta os casos de *bullying* (exclusão)?

Com esses questionamentos, cumpre recorrer a documentos já existentes que abordam a questão da desigualdade de gênero para que exista uma melhor compreensão e explanação do tema, chegando ao problema de pesquisa: Como a desigualdade de gênero está presente nas práticas pedagógicas e quais ações contribuem no combate dessa desigualdade?

Essas ações mesmo que praticadas sem intenção, aumentam a desigualdade de gênero e resultam em uma inibição da criança, que se sente reprimida, podendo afetar seu desenvolvimento e participação nas atividades escolares. Sendo o objetivo principal dessa pesquisa, refletir desigualdade de gênero presente nas práticas pedagógicas da educação infantil.

Tem como guia três objetivos específicos, sendo eles: realizar uma revisão literária sobre a desigualdade de gênero nas práticas pedagógicas; analisar o conteúdo e selecionar as informações mais relevantes dos artigos escolhidos e realizar uma análise sistemática; discutir as diferenças encontradas nos materiais selecionados, a fim de detectar os principais acontecimentos e apontar possíveis soluções para o mesmo.

Adota-se uma pesquisa de natureza qualitativa, que se baseia em uma revisão literária. Segundo Gil (2002, p.133), “a análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação.”

Será utilizado diversos textos e publicações que abordem a temática definida, mediante auxílio de produção e estudos bibliográficos:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos[...]

As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema (GIL, 2002, p.44).

Para o devido aperfeiçoamento quanto ao tema, será dividido em três sessões: a primeira sessão apresentará levantamento literário, conceituando gênero, em seguida apresentará como gênero está presente nas práticas pedagógicas da Educação Infantil, e quais aparatos estão presentes para sustentação dessa relação.

Para o desenvolvimento da segunda sessão, será realizada uma revisão sistemática da literatura que consiste em uma ampla consulta em dados bibliográficos, reproduzindo conceitos e critérios científicos por outros pesquisadores, com intuito de fomentar a discussão de desigualdade de gênero na educação infantil. Galvão; Ricarte. (2019):

Está focada no seu caráter de reprodutibilidade por outros pesquisadores, apresentando de forma explícita as bases de dados bibliográficos que foram consultados, as estratégias de busca empregadas, o processo de seleção dos artigos científicos, os critérios de inclusão e exclusão dos artigos e o processo de análise de cada artigo (GALVÃO; RICARTE, 2019, p.58).

Para devida execução, foi delimitado artigos presente na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que abranja a temática desejada, pelo período definido. Isto posto, às palavras utilizadas para busca foram: Gênero; Práticas pedagógicas; Educação infantil.

O principal objetivo dessa análise sistemática é sintetizar os resultados encontrados nos artigos selecionados por meio das seguintes questões: Como a desigualdade de gênero está presente nas práticas pedagógicas e quais ações contribuem no combate dessa desigualdade?

Os artigos utilizados passaram por uma seleção metódica, utilizando como critério características fundamentais específicas: ser um artigo publicado entre os anos de 2016 e 2021 e que discorra sobre gênero aliado as práticas pedagógicas na educação infantil. Como consequência, excluí-se os artigos que fogem da principal proposta da pesquisa, aquelas que não abrangerem a educação infantil, ou mesmo que não falem sobre as práticas pedagógicas relacionadas ao gênero, ou que tratasse de matérias específicas como Educação física, biologia, sociologia e etc.

Por conseguinte, a terceira sessão abrange os principais apontamentos encontrados nos documentos selecionados, buscando possíveis soluções, através

da análise dos dados obtidos, ponderando as contribuições que tem para o meio escolar e social.

GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL

A discussão de gênero é rodeada de diferentes perspectivas sociais, que são confrontadas de forma diária, reforçando estereótipos e preconceitos. O fomento da discussão acerca do tema é necessário para que seja questionada os padrões e tabus sociais.

Uma das percussoras da ideia de que as questões de gênero não se dão somente por meio de aspectos biológicos, mas também através de construções sociais foi Simone de Beauvoir (1908 – 1986), sendo uma das primeiras mulheres a apresentar essa visão e com sua famosa frase “Ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher”, enfatiza as influências que o meio tem na formação do ser humano enquanto homem e mulher.

As discussões em torno do gênero são construções sociais perante uma dicotomia na relação entre feminino e masculino, reforçando uma relação de poder, na qual o masculino fica na posição de dominante e o feminino de dominado. Louro (1997 p,33) diz:

A lógica dicotômica carrega essa idéia. Em conseqüência, essa lógica supõe que a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um pólo dominante e outro dominado — e essa seria a única e permanente forma de relação entre os dois elementos (LOURO, 1997, p.33).

Dessa forma, vale se aprofundar nos conhecimentos referentes a gênero para melhor compreensão diante dessa dicotomia.

Guacira Lopes Louro (1997) tem como intenção romper essa dicotomia entre os polos masculino e feminino, pois podem haver muitas variáveis dentro da denominação de ser feminino e masculino influenciado por múltiplas variáveis. Louro (1997) continua,

Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, raças, religiões, idades, etc. e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção simplista e reduzida de "homem dominante versus mulher dominada" (LOURO, 1997, p.33).

Ao contribuir para a desconstrução da dicotomia, saímos de um olhar simplista e passamos a ter uma visão mais ampla, notando a diversidade que cada um carrega no seu modo de ser.

Diante disso, nota-se que gênero vai muito além do que apenas nascer biologicamente em um corpo feminino ou masculino, gênero é uma formação que passa por uma construção constante dentro dos meios sociais que o indivíduo frequenta. Louro (2008) aponta que:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais (LOURO, 2008, p.18).

Isto posto, em face da Educação Infantil, a família se apresenta como um dos primeiros contatos que a criança tem com um grupo social, seguida das tradições culturais e religiosas que influenciam, de forma inesgotável, o compreender de gênero. Por sua vez, a compreensão atual de gênero é oriunda de uma construção minuciosa, se enraizando em todas as perspectivas sociais. Louro (2008):

É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. Por muito tempo, suas orientações e ensinamentos pareceram absolutos, quase soberanos (LOURO, 2008, p.18).

Defronte análise que abrange o gênero podemos compreender que juntamente com a cultura disseminada por um ambiente mais intimista, o familiar, também deve ser considerado a influência dos meios de comunicação tecnológicos na construção e manutenção dos estereótipos pertencentes ao conceito feminino ou masculino. LOURO (2018):

Aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos (LOURO, 2018, p.22).

Assim como há tradições que permeiam de geração em geração, e que ainda assim podem passar por mudanças, a compreensão social de gênero não possui uma definição única e eterna, pois o avanço científico e tecnológico tem proporcionado novas formas de consciência social. Sendo assim, nosso modo de ser e ver o mundo acompanha a constante transformação. A construção do gênero e

da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente. (LOURO, 2008).

A construção do entendimento de gênero se dá no decorrer dos anos, acompanhando as transformações que acontecem no mundo todo. Conseqüentemente, a educação também necessita passar por mudanças para acompanhar os avanços e novas maneiras de ver o mundo. É fundamental que a educação se adapte, para que assim consiga proporcionar uma formação que não perpetue conceitos ultrapassados regados a preconceitos já superados.

No decorrer dos anos a Educação Infantil passou por diversas mudanças, sejam elas na estrutura das instituições, nas metodologias aplicadas, como também em sua organização interna. Com as práticas pedagógicas não foi diferente, com o passar do tempo é necessário que essas práticas passem por modificações para assim atender melhor às necessidades do educando.

A Educação Infantil faz parte da Educação Básica desde o ano de 1996 quando foi sancionada a Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que durante os anos passou por algumas alterações. No ano de 2013 passou por uma alteração no qual definiu que o Ensino Fundamental deveria ter duração de 9 anos, tornando obrigatório que a criança seja matriculada no 1º ano de Ensino Fundamental aos 6 anos de idade.

Sendo assim, a Educação Infantil passa a atender crianças de 0 até 5 anos de idade, como previsto no artigo 29 da LDB (1996):

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (LDB, 1996, p.11).

A Educação Infantil sendo a primeira etapa da educação básica vem com o propósito de unificar as vivências e conhecimentos que a criança adquiri no seu meio social com as práticas pedagógicas que aconteceram nas instituições de ensino.

Como diz a BNCC (2018):

Nesse contexto, as creches e as pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, tem o objetivo de ampliar o universo das experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças,

diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos demais contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação(BNCC, 2018, p.36).

Geralmente, a Educação Infantil é o local onde acontece o primeiro contato da criança com diferentes culturas, onde cada qual tem uma nova visão de sociedade diante das vivências que abrangem seu cotidiano. Este contato acontece por meio das atividades propostas pela instituição de ensino, através de brincadeiras, músicas, rodas de conversa, etc.Como proposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica(DCNGEB) no ano de 2013:

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que: (...)VII – possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade ((BRASIL, 2013, p. 99).

As primeiras interações podem passar por momentos de tensionamento, já que a escola é um local no qual existem diversas relações, pessoais e interpessoais, e a Educação Infantil é onde geralmente ocorre esse primeiro contato com diferentes modos de ser e pensar, que, por muitas vezes, aparecem por meio das brincadeiras.

Nas ações e expressões das crianças é perceptível a existência de características herdadas do seu ambiente de convívio, características essas que vem passando de geração em geração, e que são carregadas de estereótipos pré-determinados, ao definir o que cada criança, ou menina ou menino, pode fazer ou deixar de fazer, Louro (2000) diz que:

Esquecemos que a identidade é uma atribuição cultural; que ela sempre é dita e nomeada no contexto de uma cultura. Esquecemos que os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente, que diferentes sociedades e grupos atribuem significados também diferentes às características físicas (LOURO, 2000, p.62).

A partir da ideia de que devemos agregar ao conhecimento da criança, também é função do educador projetar um ambiente onde todos estejam incluídos em todas as interações, sem reforçar os estereótipos de gênero, como enfatiza o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil(RCNEI)(BRASIL, 1998, V III, p.37.):

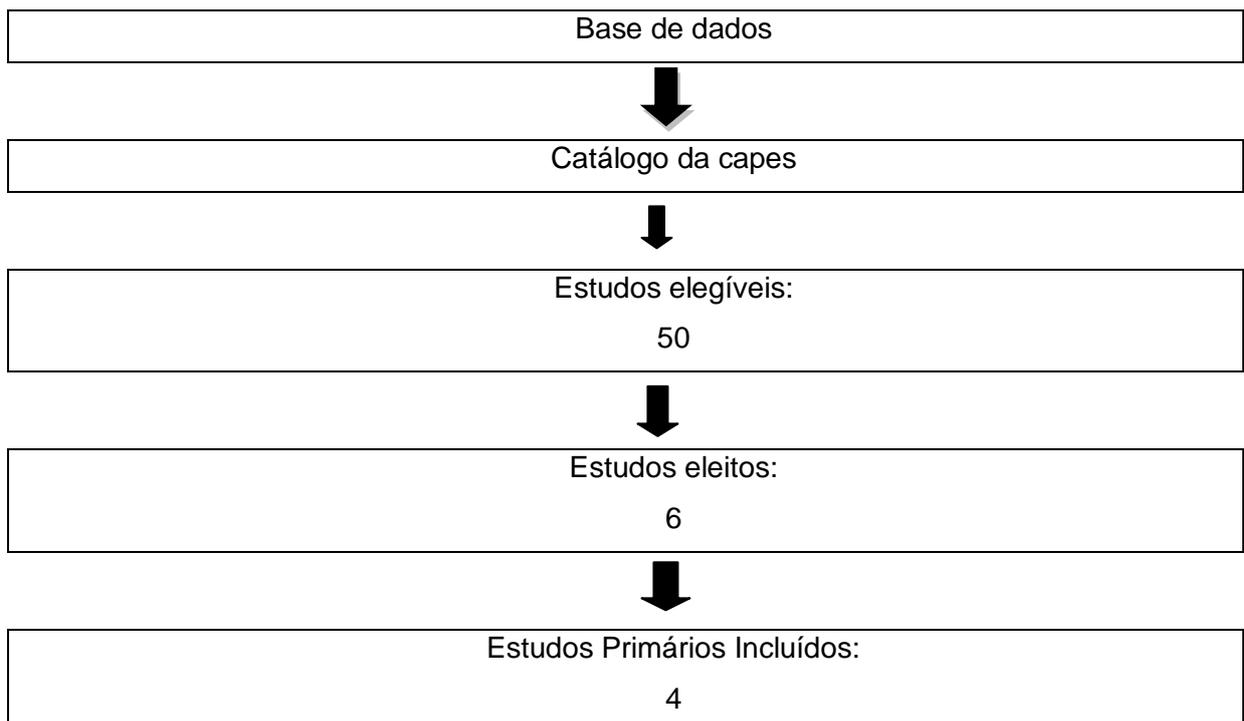
É importante possibilitar diferentes movimentos que aparecem em atividades como lutar, dançar, subir e descer de árvores ou obstáculos, jogar bola, rodar bambolê etc. Essas experiências devem ser oferecidas sempre, com o cuidado de evitar enquadrar as crianças em modelos de comportamento estereotipados, associados ao gênero masculino e feminino, como, por exemplo, não deixar que as meninas joguem futebol ou que os meninos rodem bambolê (BRASIL, 1998, V III, p.37).

A escola vem sendo um ambiente onde se reforçam os estereótipos imposto pela sociedade, mas esse modo de ver e pensar faz com que as visões referentes a gênero pareçam definidas para todo sempre, mas na verdade as mudanças estão presentes durante todo o período da nossa vida. Assim, não é só no que se refere ao aspecto de gênero, mas a evolução social acompanha nossa existência de forma constante.

2. SELEÇÃO DE DADOS

A estratégia usada para a seleção de dados baseou-se em buscar no portal de periódicos da CAPES por meio de uma pesquisa avançada e artigos que atendessem as especificidades descritas como critério para inclusão.

Por meio da pesquisa, foram encontrados 50 estudos elegíveis, destes foram eleitos seis artigos, fixando como estudos primários quatro artigos; destes foram excluídos dois, e foram mantidos dois artigos para a participação da análise sistemática como mostra o esquema abaixo:





Exclusão de Estudos: 2



Amostra: 2

Os dados presentes nos artigos incluídos para amostra nesta pesquisa, serão categorizados e expostos em tabela. A primeira tabela apresenta o título dos artigos, autores, ano em que foi escrito, tipo e local de publicação.

Tabela 01: Títulos, autores, ano, tipo e local de publicação.

	TÍTULO	AUTORES	ANO	TIPO/LOCAL DE PUBLICAÇÃO
1	Menino veste azul, menina veste rosa: uma reflexão sobre as relações de gêneros reforçadas na educação infantil	Sena. D. M. R. Fraga. J. T. de Mendonça. J. G. R.	2020	Artigo/ Revista Diversidade e Educação
2	Paixão e Dúvidas: um relato das angústias vividas na educação infantil ao se falar de gênero.	Potes. I. M.	2020	Artigo/ Revista Diversidade e Educação

A segunda tabela por sua vez, apresenta os objetivos e metodologia dos respectivos artigos.

Tabela02: Categorização dos objetivos e metodologia.

	OBJETIVOS	METODOLOGIA
1	Refletir sobre as relações de gênero estabelecidas na Educação Infantil.	Um relato de experiência descritivo e qualitativo.
2	Narrar as angústias e reflexões sobre a prática escolar de uma professora da Educação Infantil.	Um relato de experiência descritivo e qualitativo.

2.1 GÊNERO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Ao falar sobre gênero, identificamos que existe uma percepção ultrapassada que imprime a ideia de que é necessário separar brincadeiras, cores, roupas, e

objetos, pois existe a crença de que os mesmos influenciam no caminho para decidir sua sexualidade. Muitas famílias tem a errônea ideia de que brinquedos, objetos, roupas e suas cores poderão influenciar as crianças a respeito da sua sexualidade (FRAGA; MENDONÇA; SENA, 2020).

Além da família, temos os olhares da sociedade, que julga o tempo todo ao ver que algumas escolas permitem que as crianças sejam livres e explorem sua criatividade. Alguns indivíduos desenvolvem um olhar sobre a escola, como se a mesma fosse doutrinadora, que incentiva as decisões sobre o seu corpo.

Fraga, Mendonça, Sena (2021) deixam claro que

As discussões dos conceitos de gênero nas propostas curriculares para a educação são consideradas como um assunto polêmico e cheio de discordâncias. Alguns consideram a escola como doutrinadora e que influencia as crianças em suas decisões acerca do seu corpo (FRAGA; MENDONÇA; SENA, 2021, p.583).

Ainda visto como tabu, ao propor inserir discussões a respeito do gênero nos currículos da educação, são desencadeadas divergentes opiniões, que giram em torno de muita polêmica.

Uma dessas polêmicas é disseminada por um grupo conservador, que busca uma escola livre de discussões que envolva gênero ou qualquer assunto que se assemelhe, esse ideal foi nomeado de movimento da Escola Sem Partido que como demonstra Fraga, Mendonça, Sena (2021) ao dizer:

“...a iniciativa fundamentada por grupos conservadores que buscam uma suposta neutralidade escolar, para diversos assuntos como diversidade sexual, relações sociais de gênero, dentre outros que envolva política ou sexualidade nas salas de aula...” (FRAGA; MENDONÇA; SENA, 2021, p.584).

Esta percepção está impregnada na sociedade a muito tempo. A criança chega à escola já com alguns pré conceitos que reforçam os padrões de gênero, e se reproduzem em cima das práticas pedagógicas. Como apresenta Fraga, Mendonça e Sena (2021), é possível elencar diversas situações em que os pequenos educandos apresentam resistências e limitações em brincar com determinados brinquedos, por conta da cor atribuída ou pela função social que o objeto apresenta.

A escola ao invés de ser um local de inclusão e que promove situações igualitárias para todos, acaba sendo um ambiente que contribui para que sejam reforçados estereótipos criados pela sociedade.

Fraga, Mendonça, Sena (2021) declara que:

A escola enquanto um ambiente voltado para a formação humana ainda distingue, por meios de mecanismos repressivos e vexatórios, as atribuições do que seria para o homem e para da mulher na sociedade (FRAGA; MENDONÇA; SENA, 2021, p.589).

Quando uma criança foge do convencional que está alinhado ao pensamento já pré determinado do que cabe ou não para respectivos gêneros, surgem certos comentários, que indagam se tal ação é adequada, comentários estes que são reproduzidos pelas crianças, causando receios nas mesmas, de sair dos padrões que são ditos como certos.

Fraga, Mendonça, Sena (2021), apresentam uma situação vivenciada na prática docente na qual

Um dos meninos escolheu a fantasia da bailarina que, embora estivesse com muita vontade de vestir, a desaprovação dos colegas, as risadas e frases “isso é coisa de menina”, “você está parecendo uma menina”, fizeram com que ele se sentisse envergonhado pela escolha que fez (FRAGA; MENDONÇA; SENA, 2021, p.590).

Diante da situação a professora entrevistou explicando que não há nada de mais em usar a fantasia, e que isso não faz dele, uma menina. Após a intervenção da professora, até as crianças que diziam ser roupa de menina quiseram provar a fantasia e explorar a imaginação, tal atitude mostra a importância dos profissionais ali envolvidos em intervir para contribuir na desconstrução dos ideais em torno dos aspectos relacionados ao gênero.

A desconstrução em torno dos padrões pré estabelecidos pela sociedade deve acontecer de maneira contínua, pois busca a quebra de paradigmas que já perpetuam durante muitos anos, “...a prática para a desconstrução desses padrões sexistas não deve ser momentâneos e sim contínuas para o exercício da desconstrução e construção.” (FRAGA; MENDONÇA; SENA, 2021)

As práticas pedagógicas, por vezes são meios que reproduzem ações que reforçam os estereótipos de gênero, como as diferentes divisões que ocorrem na rotina do dia a dia escolar.

Fraga, Mendonça, Sena (2021) exemplificam

Durante as brincadeiras é comum observar a divisão de grupos, meninas e meninos são separados/as para as brincadeiras, para sair da sala, para montar grupos de atividade, práticas como esta comprometem a aprendizagem (FRAGA; MENDONÇA; SENA, 2021, p.591).

Como profissionais da educação, devemos ser mediadores que possibilitam novas experiências para as crianças, experiências essas que quando estimulado, desenvolve a imaginação e criação dos educandos.

Potes (2020), por sua vez apresenta um relato diante da sua vivência em sala de aula. No desenrolar do ano, próximo ao início do segundo semestre, a professora tem a notícia de que chegará um novo aluno para complementar a sua turma, diante disso, houve uma conversa com a mãe desse menino, e no decorrer da conversa houve o seguinte dialogo:

Como de costume a professora faz o questionamento: tem alguma coisa que você ache importante que eu saiba sobre seu filho que não cheguei a perguntar? A resposta vem rápida e objetiva: “Sim, ele gosta de vestir roupas de meninas e brincar de bonecas, mas não tem problema, é por que foi criado só por mulheres e não possui nenhuma referência masculina”.

Diante da fala da mãe, a professora passou a se questionar do porquê da mãe se preocupar em trazer tal informação à tona. Mas no dia seguinte o aluno foi para a escola e a professora ficou encantada com o mesmo.

As brincadeiras que aconteciam na sala eram mediadas pela professora. Potes (2020) deixa claro que,

Nem todo dia era dia de brincadeiras com carrinhos, nem todo dia era dia de brincar com panelinha e essas escolhas sempre eram feitas para e com a turma, proporcionando assim a vivência de todos com os brinquedos do dia. Sem censuras, sem chamar atenção, apenas despertando o prazer e a ludicidade (POTES, 2020, p. 549).

O docente como mediador, deve proporcionar diferentes situações para que o aluno possa explorar múltiplos universos da imaginação.

Diante das preferências do novo aluno, surgiram novas situações como Potes(2021)nos apresenta:

Em determinados momentos ele se transformava em princesa, onde já tinha até um nome (que não era de nenhuma princesa de contos de fadas já conhecida), no início as colegas questionavam: “Profe, ele disse que é a princesa Fulana!?” A qual sempre respondia: “Ele pode ser o que ele quiser” (POTES, 2021, p.549).

Situações como essa se repetiam, e o comportamento de alguns dos alunos mudaram. Não precisou de muitos momentos como esses para a professora perceber que a forma de tratamento entre eles estava mudando, embora nunca tenha sido maldosa (Potes, 2021).

Com a aparição dessas situações, a professora se preocupou e resolveu buscar a equipe pedagógica para receber um auxílio de como deveria se portar diante de tais fatos. Porém, as falas eram sempre muito parecidas: “Deixa isso, é criança, daqui a pouco para de agir assim”. Ou então, “Você está vendo coisa, estas te preocupando demais” (Potes, 2021).

A professora conseguiu chamar a atenção do corpo docente, quando ocorreu uma festa a fantasia na escola, na qual o aluno por diversas vezes trocou de fantasia, e apareceu em algumas fotos com fantasias consideradas femininas dentro dos estereótipos criados pela sociedade, para Potes (2021),

A partir desse momento, alguns membros da escola conseguiram enxergar as preocupações da professora, o diálogo sobre as questões de gênero, tão esperado por ela, parecia já ter data próxima a acontecer. Mas antes disso, as fotos da festa foram bloqueadas na internet e a pauta da conversa era somente poupar a professora de possíveis constrangimentos e processos por estar expondo ao ridículo um de seus alunos (POTES, 2021, p. 550).

Por meio desse posicionamento do corpo docente, fica mais evidente a presença dos estereótipos presentes no cotidiano escolar. No decorrer do relato ela nos mostra que a diferença é que o mesmo possui preferência por roupas e brincadeiras consideradas femininas, diante disso discorre como a turma lidou com isso e qual foi o posicionamento do corpo pedagógico, nos apresentando novas reflexões.

O relato de Potes (2021) promove reflexões sobre a necessidade de aproveitar todas as situações para estimular o desenvolvimento da criança por meio das interações, e da importância de o professor ter um olhar sensível diante das mais diversas situações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises realizadas na presente pesquisa, foi possível chegar à conclusão que, a desigualdade de gênero está presente em diversos momentos e setores, que acompanham o desenvolver da vida de cada indivíduo.

As desigualdades de gênero além de estarem presentes na Educação Infantil, muitas vezes se apresentam de maneira sutil, visto que muitos costumes sociais nos fizeram compreender tais ações como normais, quando na verdade, estão reforçando estereótipos criados pela sociedade.

A trajetória desse trabalho, possibilitou ver a necessidade de se discutir as relações sociais em torno das definições de gênero, e como desde muito cedo essas relações já estão presentes no cotidiano, as novas discussões a serem pensadas devem possibilitar novas maneiras de ver o mundo, as definições sobre ser menino, menina devem ser amplas, na medida que segue se a linha que cada ser é único e possui a sua personalidade.

No percurso dessa pesquisa, notamos que os documentos que amparam a Educação Infantil falam de maneira sutil sobre gênero. Sente-se a necessidade, de um suporte legal que auxilie nas discussões de gênero. Compreendemos também que para contribuir na desconstrução das desigualdades, precisamos de profissionais que se sensibilizem e entendam que tudo a nossa volta está em constante transformação, e com a educação não é diferente, sendo um processo contínuo.

O processo educacional, é um caminho para prevenir e diminuir os estereótipos enraizados na sociedade, todo e qualquer investimento feito é uma contribuição relevante para que não continue se perpetuando as ações que reforçam os padrões já existentes. Os docentes devem usar e abusar dos mais diversos métodos que possibilitem a quebra dos estereótipos, de maneira lúdica, para que seja um assunto interessante e que facilite a sua compreensão.

Mesmo nos dias atuais e o tema ganhando relevância, os profissionais e as instituições de ensino não demonstram preocupações com a importância em se discutir gênero. O que deixa mais claro a precariedade na atuação e na formação dos profissionais diante dos aspectos que relacionados a gênero.

A criança não precisa se preocupar em seguir padrões criados pela sociedade, a criança precisa ser criança, correr, brincar, explorar e criar. E nosso papel como mediadores e educadores é possibilitar isso da maneira mais saudável possível.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEF, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>> Acesso em: 26 fev. 2023.

BRASIL, **Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 22 fev. 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.** Brasília, DF. 2013.

BEZERRA, D. S; MARQUES, J. A. As influências sociais na construção de identidade de gênero. **Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras: 2017, n. 2, p.29-37.

FRAGA. J. T. de; MENDONÇA. J. G. R; SENA. D. M. R. Menino veste azul, menina veste rosa: uma reflexão sobre as relações de gênero reforçadas na educação infantil. **Diversidade e Educação**, 8 (2), 576-594, 2020.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **LOGEION: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 6 n. 1, p.57-73, 2020. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835>> Acesso em: 25 fev. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Corpo, escola e identidade. Educação e Realidade.** Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, 2000.

_____. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** Pró-Posições. v.19, n.2, 2008.

POTES, I. M. Paixão e dúvidas: um relato das angústias vividas na educação infantil ao se falar em gênero. **Diversidade e Educação**, v. 8, n. 1, p. 545-558, 2020.